

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MARTINS, Carlos Benedito. Carlos Benedito Martins (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Carlos Benedito Martins
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador: Celso Castro;

Técnico de gravação: Thais Blank;

Data: 08/04/2015

Duração: 1h 25min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “História Audiovisual das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre dezembro de 2012 e dezembro de 2015, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros.

Temas: Atividade acadêmica; Atividade científica; Atividade profissional; Burocracia; Carreira acadêmica; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ensino; Ensino privado; Ensino público; Ensino superior; Estados Unidos da América; Ética; França; Globalização; Goiás; Golpe de 1964; Infância; Magistério; Militância política; Movimento estudantil; Obras de referência; Pesquisa científica e tecnológica; Pierre Bourdieu ; Pontifícia Universidade Católica; Portugal; Pós - graduação; Regime militar; São Paulo; Sociologia; Universidade de Brasília; Universidade de Columbia;

Sumário

Entrevista: 8/04/2015 Infância em Goiás; vida estudantil; o golpe de 1964 e a militância estudantil; ingresso na universidade em Goiânia; mudança para São Paulo; a graduação na PUC-SP; o mestrado concomitante à docência; privatização do ensino superior como tema de pesquisa; o doutorado na Universidade de Paris V; a experiência de vida na França; relação com os grupos de Pierre Bourdieu e Alain Touraine; a saída da PUC-SP e a ida para a UnB; o pós-doutorado na Universidade de Columbia; aproximação com a sociologia norte-americana; o segundo pós-doutorado em Oxford; o ensino superior como tema de pesquisa; considerações gerais sobre as diferenças no ensino superior ao longo de seus mais de 40 anos de pesquisa; globalização e ensino superior; a experiência na CAPES; a situação das universidades federais no tocante à burocracia, ética e pesquisa; sua passagem pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e a produção portuguesa; modernização do ensino superior brasileiro; a universidade brasileira e seus desafios; corporativismo no ensino superior; a importância do livro *La Noblesse d'État*, de Pierre Bourdieu, em sua trajetória acadêmica, admiração pelo texto sobre o artesanato intelectual, de C. Wright Mills.

Entrevista: 08/04/2015

C.C. – Vamos seguir um pouco pela sua origem, formação... Você nasceu em Goiás, não é?

C.M. – Eu nasci em uma cidadezinha do interior.

C.C. – Que se chamava...?

C.M. – Itaberaí.

C.C. – Itaberaí?

C.M. – É. Fica perto de Goiás Velho. Eu fiquei lá até cinco anos de idade e depois mudei para Goiânia.

C.C. – Seus pais eram...? Qual era a ocupação deles?

C.M. – Meu pai era comerciante. Minha mãe era professora primária. E aí nós fomos para Goiânia, quando eu tinha cinco anos de idade. O meu pai continuou trabalhando nos negócios dele, de comércio, e a minha mãe continuou dando aula na escola primária. Aí eu fiz minha formação, o ensino primário, em Goiânia, em um colégio particular, um colégio de freiras. Os meus pais sempre procuraram dar uma formação muito boa. Então, estudei em escola de freiras. No colégio Assunção, que era de freiras francesas. Não sei que congregação era essa, mas estudei lá. Depois estudei no Dom Bosco, o Ginásio, e depois fiz o Liceu. Tinha essa tradição do Liceu no Brasil todo e tal. Eu fiz o clássico lá. E foi justamente quando eu estava fazendo clássico, teve o golpe militar, em 64. Inclusive, eu participei na rua, dentro da posição do governador, que na época era o Mauro Borges. Os aviões... Isso marcou muito a minha formação.

C.C. – Você tinha quantos anos?

C.M. – Tinha dezesseis, dezessete anos, por aí.

C.C. – Mas já tinha alguma atuação política?

C.M. – Não, isso aí me levou depois à atuação política. Se ouvia os aviões passando ali perto do Palácio do governo, tal. E eu tinha muita simpatia pelo governo do Mauro Borges, que era um governo bastante inovador naquela época. Via os militares chegando com os tanques na cidade, ocupando a cidade. Isto me chamou muita atenção, não é? Algum tempo depois eu entrei na universidade. Eu fiz o primeiro ano em Goiânia. E nessa época eu comecei a militar no movimento estudantil.

C.C. – Chegou a fazer universidade em Goiânia?

C.M. – Meio ano só.

C.C. – De que curso?

C.M. – Ciências Sociais. E nessa época eu tive uma militância... Eu comecei a conhecer pessoas ali do... Na verdade, eu fiz dois anos em Goiânia em Ciências Sociais, mas era muito ruim. Eu passava mais tempo militando politicamente, com os colegas, contra a Ditadura, fazendo passeatas, essas coisas todas. Eu entrei na universidade em 67, em 68... Eu tive muitos amigos que pertenciam ao Partido Comunista. Eu comecei a participar de reuniões clandestinas, tal. Depois eu foi eleito para o DCE, dos estudantes, que me marcou muito. Daí eu comecei a pensar muito a questão da universidade. Em um momento que se discutia muito a reforma da universidade. Eu acho que isso marcou muito a minha formação e depois eu vi que isso deu uma implicação muito grande, porque eu trabalho muito sobre a questão do ensino superior no Brasil. Bom, mas aí o ensino de Ciências Sociais era muito deficitário em Goiânia e aí o meu pai me mandou para São Paulo. Aí eu fui, fiz a PUC de São Paulo.

C.C. – Você foi sozinho?

C.M. – Fui sozinho.

C.C. – Isso em 68?

C.M. – Eu fui para a PUC em 69. E aí eu fiz mais seis anos na PUC, porque eu quis recuperar um pouco a minha formação. Eu fiz 69, 70 e 71. Formei em 71, na PUC. E foi muito engraçado, porque eu me lembro da edição do AI-5, final de 68. Fiquei muito impactado com aquilo.

C.C. – Estava em Goiânia?

C.M. – Estava em Goiânia. E aí vou para São Paulo. Aí quando cheguei em São Paulo, na PUC, para mim foi um impacto muito grande sair de uma cidade... Goiânia, nessa época, tinha 150 mil habitantes, e fui para São Paulo, que nessa época tinha seis milhões de habitantes. Foi um choque enorme cultural, na cabeça. Uma coisa, assim, muito... Me impactou muito, assim, a questão da cidade, do centro urbano anônimo. Muitos desafios para mim e eu morei com colegas que tinham vindo de Goiânia, moravam em São Paulo. Mas a PUC me chamou muito a atenção porque, primeiro, porque era uma classe que tinha acho que 20 alunos e tinha três homens, o resto todas mulheres. E pessoas pertencentes à alta burguesia de São Paulo. Tinha meninas que os pais delas eram diretores da Fiesp, Siesp e tal. E uma classe muito despolitizada, o que eu achei muito estranho, porque um dia o professor, na aula, falando do partido comunista e uma delas perguntou: “Ah, mas tem partido comunista no Brasil?”. Então essas coisas me chamaram muito a atenção. Tem um caso muito engraçado também que uma vez o pai dela, acho que era o diretor da Fiesp, deu um almoço na casa dele e eu fui. E quando acabou o almoço o pai deu um presente para todas as pessoas que estavam, que era um tecido de roupa, de fazer vestido. [risos] Eu saí... O pai dela era industrial e trabalhava no setor de produção de vestidos. Eu saí da casa dela, uma puta casa no Jardim América, nos Jardins, com um pano de fazer vestido, que eu não sabia o que fazer com aquilo. Mas mostra muito esse ambiente. Foi... De um ambiente muito politizado em Goiânia, eu peguei a PUC extremamente despolitizada.

C.C. – Bom, e pegou também esse período mais...

C.M. – Brabo, o ato 476, 1969

C.C. – 1969 e 1970 e 1971 foi a época mais letal, inclusive, da ditadura. E, nessa época, na USP, o pessoal estava sendo caçado. Mas você chegou a manter alguma atuação política lá em São Paulo?

C.M. – Não, não. Quer dizer, quando tinha aquelas passeatas, eu saí para aquelas passeatas, mas aí houve uma coisa interessante, porque houve um refluxo para os estudos. O meu pai me sustentava e eu não tinha que trabalhar em São Paulo. Então eu estudei muito. Eu comecei a mergulhar mesmo nas Ciências Sociais e eu tinha professores muito interessantes, que me chamavam muito a atenção para o trabalho intelectual. Então eu, às vezes, ia para a PUC e assistia a aula de manhã, a tarde eu ficava na PUC, voltava para a casa de noite. Como eu deixei a militância de lado, eu comecei a me concentrar nos estudos. Foi uma coisa muito importante para mim. E tanto assim que quando eu terminei a graduação, a PUC estava fazendo a introdução do ciclo básico. Que era aquela experiência de disciplinas iniciais na formação das pessoas: Metodologia, Antropologia e mais algumas dessas disciplinas, e ela recrutou pessoas que estavam formando naquela época para começar a dar aula. Então, eu me formei em 1971, em 1972, eu tinha só graduação, eu comecei a dar aula. E foi muito interessante porque era uma geração nova que estava entrando na universidade e a gente teve muita discussão sobre universidade, sobre o que é ser um professor. Foi uma formação muito importante para mim como professor. A gente lia muitas coisas, tinha essas discussões. E o ciclo básico, além de ser uma coisa interdisciplinar, tinha uma questão muito forte também que você tinha reuniões semanais com os quatro professores para discutir as disciplinas, para discutir os alunos, uma preocupação com o aprendizado do aluno. Isso me marcou muito, sabe assim? Em 1973, a PUC criou o mestrado dela. O professor Carlos Junqueira, não sei se você conhece, da Antropologia.

C.C. – Ciências Sociais.

C.M. – Ciências Sociais, é. E veio um pessoal muito legal para dar aula na PUC. O Simon, o Bolívar Lamournier, o Vilmar Faria, Andreia Loyola, que tinha passado pelo Museu Nacional, que tinha acabado de chegar da França, tinha sido aluna do Touraine. E eu fui fazer, dando aula na PUC, tinha um contrato de 40 horas, e fui fazer o mestrado. E aí foi uma experiência muito interessante. Porque além de ter esses professores, eu tive um contato muito forte com a Maria Andréia. A Maria Andréia despertou uma grande simpatia em nós dois, de amizade e tal. E ela

me acolheu muito como aluno, me deu muita força. Eu fui primeiro orientando da Maria Andréia. E aí foi engraçado porque eu fui estudar universidade. A minha dissertação de mestrado foi sobre o começo da privatização do ensino superior em São Paulo. Eu peguei uma faculdade que tinha 800 estudantes – . hoje já tem mais de cem mil estudantes, que é a FMU. Foi muito interessante, porque eu comecei a ver que ali você tinha um... Eu dava aula em uma faculdade privada, que era a PUC, mas eu comecei a ver que estava começando a surgir um novo tipo de ensino privado que era muito mais voltado para o ganho comercial, para o aspecto lucrativo e tal. Aí comecei a trabalhar com a Andréia e a Andréia falou: “Olha, não entendo nada disso. Você me traz os dados, que eu vou te orientar”. Aí eu comecei a ler isso e aí eu percebi também que essa faculdade tinha um elevado recrutamento de pessoal do Exército, de informantes do SNI e tal. E aí foi muito interessante, que eu... Quando eu tentei entrar na escola, pedi autorização, pedi para fazer as pesquisas, eles me deram, mas. depois eles começaram... As perguntas que ia fazer para as pessoas, eles ficaram incomodados e me expulsaram da escola. Então eu comecei a ir na casa das pessoas, de professores, de alunos. E aí foi muito interessante, porque o... Não sei se você conheceu ou teve notícia de um professor de São Paulo, o Maurício Tragtenberg?

C.C. – Não, conheço só o livro dele sobre o Weber.

C.M. – Weber, exatamente. O Maurício era muito interessante, porque ele era um weberiano, e um trotskista, anarquista. Então, ele começou a conversar comigo: “Olha, o Foucault vai te ajudar muito”. Eu comecei a ler o Foucault naquela época. Comecei a ler o Goffman. A Andreia tinha acabado de chegar da França e me passou as coisas do Bourdieu. Eu comecei a ler as coisas do Bourdieu naquela época. Então foi um período muito bom. Aí eu fiz uma tese mais qualitativa e tal. Eu defendi a tese e quando eu defendi a dissertação de mestrado – foi a primeira orientação da Andréia e eu tinha uma relação intelectual muito legal com ela –, aí, ela me incentivou a ir fazer o meu doutorado na França com o pessoal do Bourdieu. Você quer que eu retome alguma coisa?

C.C. – Não, é só uma pergunta que eu fiquei antes com curiosidade. Mas foi bom você ter avançado na narrativa.

C.M. – Eu não sei se vou falando e você vai perguntando.

C.C. – Não, não, está bom. Eu também vou perguntando. Fique à vontade. Porque a opção por São Paulo quando você saiu de Goiás e não Rio, por exemplo? Tinha algum motivo familiar?

C.M. – Eu achava que no Rio eu ia ter uma vida muito boêmia. [risos] Não sei porque, mas eu tinha um imaginário do Rio na minha cabeça que eu não ia concentrar nos estudos. Eu acho que quando eu saí de Goiânia, eu estava disposto a me concentrar no estudo, não é? É muito engraçado porque quando eu estava meditando em Goiânia, o Florestan foi dar uma palestra no DCE. Eu não entendi absolutamente nada do que o Florestan falou, mas achei tudo muito interessante tudo o ele falou. Eu falei: “Esse cara deve ser legal... Paulista e tal...”. Aí eu fiquei com aquela coisa de USP na cabeça, São Paulo na cabeça. E eu fui transferido para a PUC, eu não tive que fazer vestibular e a USP não aceitava vestibular. Então isso facilitou a minha ida. Mas eu não sei o porquê eu tinha uma ideia, talvez falsa, de que em São Paulo o ambiente de estudo era mais sério do que no Rio nessa época. Então, foi essa a minha opção. E também eu tinha dois amigos que já estavam morando em São Paulo, que já estavam instalados em São Paulo, então eu achei que isso me facilitava também. Eu me lembro que quando eu fui para São Paulo, o meu pai chamou essas duas pessoas em casa para saber se eram pessoas sérias, conversar com essas pessoas: “Não, pode ir. São pessoas sérias e tal”. Mas foi isso, não é? E aí eu terminei a minha tese, que foi até muito simpática. Quem participou da minha tese foi o Otavio Ianni e depois eu quero contar um pouco disso, porque foi uma experiência muito... Otavio Ianni e o Cândido Procópio. Quando eu estava na PUC, já era por volta de 77, 78, a PUC incorporou os cassdos da USP: o Otavio Ianni, o Florestan Fernandes – quem mais? Tinha o rapaz da Filosofia também. Incorporou várias pessoas. Gianotti, também . Bom, e o Ianni foi trabalhar na PUC, e o Ianni era do departamento e eu era chefe do departamento nessa época, fui muito jovem chefe de departamento. E o Ianni simpatizou muito comigo. Simpatizou, começou a conversar, se interessou muito pela minha tese e conversava muito comigo. E o Florestan também ficou muito amigo meu. E foi engraçado o porquê a gente se aproximou muito: eu dava aula na PUC e a PUC, por conta das crises dela, econômica, eu comecei a dar aula também em outras universidades particulares. Eu dei aula no Objetivo, que hoje se transformou na Unipe. E o filho do Florestan, esse radialista, foi meu aluno e gostou muito de mim. E um dia eu estava na PUC e comecei a conversar com o Florestan e o Florestan disse:

“O meu filho falou de você, que você foi professor dele”. E começou uma coisa muito legal entre eu e o Florestan. O Florestan se interessou muito pela minha tese. Conversei muito com ele. Ele fez o prefácio... O Maurício fez o prefácio da primeira edição da minha tese, o Florestan fez o prefácio da segunda edição. Então, eu tive na PUC uma passagem, assim, não só de aprendizado, mas depois, também, uma coisa muito forte que me marcou muito o rigor do Florestan, do Otavio Ianni. Estas coisas me marcaram muito. E depois, quando acabei a minha tese, a Andréia falou: “Bom, agora você faz a sua candidatura e tal, que eu vou entrar em contato com o pessoal do Bourdieu”. A ideia dela era que eu fosse orientado por ele, mas ele já estava no Collège de France e não podia orientar mais ninguém. Ela escreveu para ele e ele respondeu indicando outra pessoa, com quem eu fiz meu doutorado na França. Então, agora, eu não sei se você quer que eu comece a falar de outro período.

C.C. – Não, sua ida para a França.

C.M. – Aí eu fui para a França.

C.C. – Você teve que sair da PUC ou teve uma licença?

C.M. – Eu tive uma licença e foi muito engraçado essa licença minha, porque a PUC, acho que nessa época, talvez, eu posso estar enganado, eu fui um dos primeiros a ter uma bolsa de CAPES para fazer doutorado no exterior. E eu me lembro de uma reunião complicada na PUC e me autorizaram a ir e me deram uma licença de dois anos, sendo que o doutorado era de quatro anos. Mas eu não me preocupei com isso, porque estava a fim de fazer o meu doutorado e depois eu vejo como eu me arrumo nessas coisas e tal. Aí eu cheguei na França, primeiro dia que eu cheguei na França... Eu já tinha casado nessa época, tinha dois filhos e tal. Eu fui sozinho e a minha ex-mulher ficou aqui com os filhos. Os primeiros dias eu fiquei na casa da Andréia, que me recebeu lá. Um apartamento pequenininho, que não tinha a possibilidade de eu ficar ali, eu tive que alugar outra coisa, enquanto alugava apartamento e tal. E a pessoa que o Bourdieu tinha indicado, que era uma colega dele, a Isambert-Jamati, que era uma pessoa muito importante nessa época na questão de ensino. Ela orientou inúmeras pessoas do Brasil, várias pessoas do Rio passaram por ela, São Paulo, Minas Gerais também. Ela formou muitos brasileiros. Tem aqui uma colega, Lourdes Bandeira, que também foi orientanda dela. E nas

primeiras conversas que eu tive com ela, ela ficou muito... – acho eu – muito impressionada com a minha formação e ela me dispensou dos cursos e tal. “Mas eu vou ficar, assim, em casa, fazendo o quê?”. Aí eu falei: “Então, eu vou fazer vários seminários e tal. O que a senhora me aconselha?”. E nesse ínterim, a Andréia me pediu para ter contato com a Monique de Saint Martin. A Monique foi muito gentil, me acolheu muito, me disse que seminário seria interessante eu participar. Eu participei do seminário dela. E, nessa época, o Bourdieu dava os famosos seminários *fermé*. Tinha que escrever uma carta para ele, para ele te aceitar no seminário e tal. Eu escrevia todo ano essa cartinha para ele e ele me respondia. E era muito legal, porque era mais ou menos uns dez a quinze alunos que ele selecionava lá. E o que era? Era uma exposição de trabalhos e no final ele fazia os comentários dele e tal. Mas foi uma época que eu comecei a ler muita coisa dele.

C.C. – Mas por que eram *fermé*? Por que eram fechados?

C.M. – Porque ele dava aula no Collège de France já, e lá era aberto.

C.C. – Ah tá, ele queria ter um grupo mais reduzido para discutir...

C.M. – Mais reduzido, por isso era *fermé*. Então não entrava lá, quer dizer, ele autorizava e acho que ninguém ia sem ter sido autorizado. Aquela coisa muito francesa, muito hierárquica. E foi legal porque foi um período... Ele estava produzindo os trabalhos dele, eu vi a Monique trabalhando com ele, a Monique me contando as coisas que ele estava fazendo. E nesse ínterim eu fui conhecendo várias pessoas da equipe dele também: François [INAUDÍVEL]. Muitas pessoas que se tornaram amigos meus. Fiquei quase cinco anos lá. Eu fui lendo as coisas dele, lendo e perguntando para a Monique. O contato com ele era muito difícil, porque ele dava aula... Era uma celebridade nesse momento.

C.C. – Mas tinha o grupo dele, que ajudavam, os auxiliares.

C.M. – Exatamente. Eu tinha uma dúvida, ia perguntar para a Monique ou perguntar para outro, jamais para ele. Ele estava dando aula, as pessoas... Ele falava dez minutos e ele depois ia embora. E também participei dos seminários dele no Collège de France. Uma vez por ano ele

dava esses seminários lá... Foi um período que eu li muito e tive contato com outras vertentes teóricas também. Por exemplo, uma coisa muito engraçada, porque eu tinha muita simpatia pelo Touraine, achava o Touraine muito interessante. Ele já tinha escrito umas coisas sobre universidade e tal. Mas o pessoal do Bourdieu não gostava do Touraine absolutamente.

C.C. – Por quê?

C.M. – Brigas paroquiais, não é? Não gostavam de jeito nenhum. Quando saiu o livro do Touraine o pessoal dizia: “Ah, você viu o livro do Touraine? Uma coisa horrível”. Então, tinha essas bobagens todas. Mas eu achava o Touraine um intelectual muito interessante. Eu fiz seminários com o Touraine escondido do pessoal do Bourdieu. [risos] Eu ia lá fazer. Ele dava seminários, não era no local da École, era em outro local. Era em [INAUDÍVEL]. Pegava o metrô e ia lá. Eu ficava fascinado com o Touraine. Eu o achava uma cabeça diferente do Bourdieu. E eu achava que essas coisas de você ficar fechado em um grupo não tinha nada a ver. Mas, assim, era uma coisa muito fechada. Eu achei que o Touraine me ajudou muito a pensar várias coisas.

C.C. – O Bourdieu tinha um grupo mais fechado do que o Touraine, por exemplo?

C.M. – Tinha. O Bourdieu tinha um grupo e quando ele forma o *Actes de la recherche*, ele forma um grupo que trabalhava em cima das coisas dele. O Touraine não tinha uma revista, não é? Era um grupo mais disperso. Agora, o que me impressionou muito com o Bourdieu, além da renovação teórica que ele fez, ele contribuiu muito para desprovincializar a sociologia francesa, que era muito hexagonal. Aquela sociologia que as pessoas se repetiam, liam os mesmo autores. Então, ele por exemplo, ele trazia muito o pessoal dos Estados Unidos. Ele trouxe muito interacionista simbólico, o pessoal que trabalhava com etnologia. Então ele tem uma contribuição muito importante no sentido de abrir o espaço ali. E tinha o pessoal da Alemanha, o pessoal da Grécia, o pessoal da América Latina. Era um ambiente muito rico e estimulante.

C.C. – Tinha brasileiros também, não é?

C.M. – Tinha. O Afrânio [Garcia] estava lá, o José Sérgio [Leite Lopes] passou por lá, muitas gente. Por exemplo, eu desenvolvi uma amizade com o Afrânio lá, depois. O Afrânio, durante o período que estava lá, o Afrânio foi fazer pós-doutorado lá. Então, era um grupo muito interessante. Mas, sabe, foi engraçado. Uma coisa que aconteceu comigo, quando eu entrei no Partido Comunista jovem eu sempre falei assim: “Gente, eu não tenho vocação para ser subordinado a Partido”. E a mesma coisa com o esquema teórico, não é? Hoje, por exemplo, trabalho com muita coisa de Bourdieu, acho ele interessante e tal, mas eu não fecho em uma teoria, em um esquema teórico. O Bourdieu foi muito interessante para eu pensar a minha tese. A primeira tese minha foi sobre essa Faculdade privada em São Paulo. A segunda tese foi sobre privatização, mas aí eu já peguei as escolas de formação de administradores de empresa, que era uma coisa importante no Brasil, que estava surgindo bastante. Bom, e o Bourdieu tinha essas coisas todas, [escrito isso], a Monique trabalhavam muito com essas coisas. Então, foi muito importante para o meu esquema. Mas também o Touraine, eu também coloquei o Touraine na minha tese, o Goffman também. Então era uma tese que não tinha um quadro teórico, assim, muito ortodoxo. É engraçado, porque o Bourdieu era um heterodoxo também: mexeu com Weber, com Marx e tal.

C.C. – Teoricamente.

C.M. – Teoricamente. Mas as pessoas que trabalhavam com ele era mais ortodoxo do que ele.

C.C. – Tem o artigo dele que ele fala de escola de pensamento e pensamento de escola. A impressão que dá que era pensamento de escola o grupo dele, tinha ele como líder incontestado, não é?

C.M. – É. É engraçado, porque eu acabei de passar dois meses na França...

C.C. – Mas tem uma foto dele ali no seu...

C.M. – [risos] É verdade.

C.C. – Olhei aqui, não tem outro. [risos]

C.M. – É, foi um cara muito importante na minha formação, aprendi muito com ele. Quando ele morreu eu senti muito.

C.C. – E ele morreu meio de repente, não é? Não sei, as pessoas...

C.M. – Cedo. Ele estava doente e tal.

C.C. – Parece que ele escondeu um pouco a doença ou não?

C.M. – É. Acho que por isso. Mas foi um cara muito importante na minha vida. Então, estava contando que agora eu voltei lá e passei dois meses na École com duplo convite: o Afrânio me mandou um convite, que é vinculado à École, ao grupo do Bourdieu; e o [INAUDÍVEL] que é vinculado ao Touraine. [risos] Eu fiquei numa saia justa danada, porque os dois não podiam saber que eu estava sendo convidado, mesmo porque eles têm algumas disputas. Sei lá o que aconteceu com os dois, mas eles não se batem muito bem no nível pessoal.

C.C. – Quem aqui tem ido todos anos a França e vários livros publicados é o Howard Becker, não é? Também dizem que o grupo, que era do Bourdieu, ele não gostava muito disso na época e tal.

C.M. – Pois é, mas depois começou a gostar. Mas então, voltando, quando eu ia lá no Bourdieu, o pessoal sempre gentis, super bacana, mas estava trabalhando nas coisas do Bourdieu. E ao outro lado, trabalhando em cima das coisas do Touraine. Então continuou um pouco essa... Por mais que essa Sociologia Francesa tenha mudado muito, ela tem seus grupos muito sólidos. Eu acho o grupo mais sólido hoje é o grupo do Bourdieu. Bourdieu tem uma escola e a revista ajudou a difundir internacionalmente e dar uma orientação. Ao passo que o pessoal do Touraine, eu acho um pouco mais disperso. Não é um grupo hegemônico e tão condensado quanto é o grupo do Bourdieu. Bom, aí eu voltei para o Brasil.

C.C. – Só um instante, você ficou direto os quatro anos?

C.M. – Sim.

C.C. – Sua licença na Puc vencia no meio disso?

C.M. – Vencia no meio disso.

C.C. – Renovou, ou não?

C.M. – Aí, um dia eu estou em casa e a Puc me manda uma carta dizendo que tinham cortado as minhas aulas. Eu tinha 40 horas na Puc e quando eu voltasse eu só teria 20 horas. Eu falei: “Deixa isso aí, depois eu resolvo”. Quando eu voltei para o Brasil, na minha tese...

C.C. – Você voltou em que ano?

C.M. - Em 1986.

C.C. – Já depois de defender?

C.M. – É. Defendi a tese e tudo. Eu fui em 81 para a França e voltei em 86 para o Brasil.

C.C. – Você ficou com a bolsa da Capes... A sua família foi toda também?

C.M. – Foi. Depois foi toda.

C.C. - E deu para viver só com a bolsa da Capes?

C.M. – Muito pouco. Só tinha dinheiro da Capes, não tinha outro rendimento. O meu pai mandava, às vezes, um dinheiro para mim e a família da minha esposa mandava um dinheiro para ela. Mas era muito curto de dinheiro, mas eu estava tão feliz ali levando a vida de estudante, comendo em restaurante universitário, sabe? Muito feliz. E foi um período também... Não foi só a Sociologia, foi também um período que eu comecei a ler a Literatura Francesa. Aí eu li Proust quase tudo, li Balzac, Flaubert, Zola. Eu meti a cara na literatura francesa, aprendi

muito com aquela literatura. Eu achava – e acho, continuo achando – ela magnífica, de uma qualidade incrível. Eu li muito nesse período. Eu trabalhava na minha tese e à noite eu lia literatura. Cinema. Eu ia àqueles cinemas do *Quartier Latin*, aqueles festivais todos. Às vezes, eu entrava no cinema às duas e saía só às oito da noite. Então, foi um período, também, não só de Sociologia, mas um período cultural muito forte na minha vida. De exposições também. Os pintores todos, exposições no *Grand Palais*, no *Petit Palais*. Um tempo rico, um tempo de formação sociológico, mas mais do que sociológico, no sentido de formar uma cabeça também. Eu devo isso...

C.C. – Formação cultural.

C.M. – Formação cultural. Eu acho que foi muito importante, viu Celso? Voltei para cá, fui na PUC. Quando eu senti que o negócio da PUC ia dar mais ou menos problemático, eu mandei uma carta para a UnB dizendo que eu tinha defendido minha tese e se seria possível obter uma bolsa de recém doutor pela universidade. Pouco tempo depois chega uma carta da UnB dizendo que sim, que eles tinham interesse de me contratar.

C.C. – Você conhecia alguém na UnB, na época?

C.M. – Ninguém, absolutamente ninguém. Eu escrevi um livrinho quando eu estava indo para São Paulo, aquele *O que é Sociologia?* da Primeiros Passos – que o Sérgio Micelli chama de “Os primeiros tropeços”, com aquela ironia fina dele [risos] – e esse livro começou a... Hoje esse livro já vendeu mais de 700.000 exemplares. Então, esse livro me tornou um pouco conhecido. Eu recebi uma carta dizendo: “Nós conhecemos você, temos interesse”. Eu fui a São Paulo, quando eu cheguei em São Paulo. O reitor da PUC, inclusive era do meu departamento, o professor Vanderlei. Ele disse: “Infelizmente a PUC está passando por uma crise muito grande e nós só podemos te dar 20 horas aula”. Com 20 horas aula eu não conseguia viver em São Paulo. Então como eu tinha essa coisa aqui de Brasília, eu falei: “Bom, eu vou para Brasília, fico um ano em Brasília, depois volto para São Paulo”. E quando eu cheguei aqui e comecei a trabalhar fui muito bem acolhido pelos meus colegas e...

C.C. – Quem é que estava aqui na época?

C.M. – A Vilma Figueiredo, a Barbara Freitag, Fernanda Sobral, a Ana Maria. Hoje vários desses se aposentaram, mas me acolheram muito bem, foram muito solícitos, muito gentis comigo. E eu comecei a me dar muito bem aqui e logo depois surgiu um concurso. Concurso público, eu fiz o concurso, fui o primeiro colocado no concurso. Aí quando eu vi eu estava com uma carreira estável já. E a PUC na crise. Falei: “Bom, não tem sentido, nesse momento, voltar para...”.

C.C. – E pesou também estar mais perto da família?

C.M. – Mais perto da família, porque nesse instante uma parte da minha família – porque o meu pai já tinha falecido – estava em Goiânia, e a família da minha esposa, que era uma família *imensa*, de sete irmãos. Então, era toda uma questão da gente ficar mais próximo. E a qualidade de vida era melhor também, para criar filhos, essas coisas, e fui ficando por aqui. Não me arrependo dessa opção que eu fiz, quer dizer, eu fui muito bem acolhido e acho que eu desenvolvi um trabalho de boa qualidade aqui no departamento. Bom, aí eu vim para o departamento, fiquei aqui no departamento e estava sentindo um pouco uma falta de ter uma formação, de fazer um pós-doutorado em outro canto do mundo que não fosse a França. Eu pedi uma bolsa para o CNPq para ir para os Estados Unidos. Veio essa bolsa, mas no dia em que ela chegou foi o dia em que eu estava me separando da minha ex-mulher. Falei: “Poxa, não vai dar para fazer isso. Vou guardar um pouco disso, vou reestruturar minha vida, meu emocional, essas coisas todas e vou jogar esse projeto mais para frente”. Isso foi em 1994 e eu só fui fazer meu pós-doutorado em 2005. E aí eu fui para os Estados Unidos, fui para Columbia e fiquei um ano em Columbia, que foi uma coisa *muito* interessante, assim...

C.C. – Por que Columbia? Você tinha algum contato lá?

C.M. – Eu conheci aqui, uma vez veio aqui o Albert Hirschman que era um economista que dirigia o Centro Brasil. Conversei com ele e ele: “Não, nós temos interesse em te acolher lá”. E aí eu fui para lá. Ele me recebeu muito bem. Quando eu cheguei lá já tinha o meu apartamento alugado na própria universidade, todo mobiliado e tal. Eu fui sozinho. E foi muito bom, porque aí eu comecei a ter contato com a bolsa da Fulbright. Era uma bolsa boa a da Fulbright. Era de

quatro meses, mas aí eu pedi mais oito meses da Capes, aí juntou doze meses e deu uma bolsa interessante. Aí eu comecei a ler muita Sociologia Americana. Foi uma coisa muito importante, ter um conhecimento mais profundo de sociologia americana, essa coisa me ajudou bastante. Aí você começa a relativizar um pouco a sociologia francesa.

C.C. – O mundo acadêmico americano é muito diferente do francês. Muito mais móvel, aberto. O francês é muito mais, vamos dizer, permanente, a disputa é de espaços menores.

C.M. – É muito concentrado em Paris e em algumas cidades: Bordeaux, Marseille, enfim. Os Estados Unidos é um mundo não é? Tanto assim que eu fiquei mais só em Columbia e falei: “Bom, nem vou para outro canto porque quero entender o que está se passando aqui”. Aí comecei a ler muito. Foi o momento em que eu comecei a reler o Goffman profundamente e tal. Uma ironia, porque ele é canadense, nem é americano, mas fez a carreira toda dele lá. Foi muito bom, foi um período muito interessante que eu passei lá. Voltei.

C.C. – Ficou um ano então?

C.M. – Fiquei um ano e voltei, assim, com muita vontade de voltar a trabalhar, fazer pesquisa novamente. Voltei bem entusiasmado e logo depois, acho que o Goffman morreu, quando o Goffman morreu eu liguei para o Gilberto Velho e falei: “Gilberto, vamos fazer uma mesa sobre o Goffman na Anpocs?” Uma mesa muito bonita sobre o Goffman, na verdade o Gilberto fez um texto muito interessante que saiu na Revista Brasileira de Ciências Sociais esse dossiê. Aí fiquei por aqui e tal. Eu tinha uma possibilidade também de pedir um novo pós-doutorado. Aí eu fui para Oxford, eu passei um ano em Oxford. Foi interessante também.

C.C. – Que ano foi isso?

C.M. – Foi em 2011. Final de 2011.

C.C. – E lá você ficou ligado a qual departamento? O Centro de Estudos Brasileiros já tinha acabado, não é?

C.M. - Agora chama Centro de Estudos Latino-Americanos.

C.C. – *Center for Latin American Studies*. Era o Timothy Power que estava?

C.M. – Foi o Timothy Power que me recebeu, foi muito gentil.

C.C. – Tinha um Centro de Estudos Brasileiros, mas acho que acabou em 2010, se eu não me engano. Um ano antes. Que era o Leslie Bethel.

C.M. – E era vinculado ao *Saint Anthony`s*.

C.C. – *Saint Anthony`s College*. Eu passei um *term*, como eles chamam lá, o Hilary Term, mas isso em 2000. Aí fiquei vinculado ao Saint Anthony`s, que até hoje manda correspondência. O jornalzinho dos *Anthonians*, geralmente pedindo dinheiro, doação.

C.M. – É. Aí foi uma experiência muito legal também. Comecei a ler a sociologia inglesa. E também, quando estava nos Estados Unidos, li muita literatura americana.

C.C. – Como teve a experiência francesa, teve a americana.

C.M. – E, também, quando eu estava na Inglaterra, li muita literatura, [especialmente] os autores novos ingleses. Foi muito bom e isso me deu assim uma cabeça que eu acho, assim, de várias referências. Eu acho que eu tenho uma cabeça hoje para trabalhar na minha pesquisa, porque eu continuo trabalhando com o ensino superior. Que não tem uma ancoragem francesa, ou inglesa. É bem ampla, eu diria. E essa experiência que eu passei nos Estados Unidos, é engraçado, porque eu fui primeiro trabalhando a questão do ensino superior, e eu achei a produção americana... Porque eu trabalho muito com a teoria sociológica, eu tento, às vezes, trazer a teoria sociológica contemporânea para questão do ensino superior, e eu achei a produção americana muito centrada nela mesma, muito pouco aberta para o mundo e tal. E na Inglaterra também. Aí eu comecei a ver um pouco que não dá mais para você analisar o sistema só numa colagem nacional. E aí eu comecei a mexer com questões de globalização teoricamente, e aí eu comecei a formular um projeto de pesquisa que é um pouco, hoje, vendo

as transformações do ensino superior no plano internacional, com efeito, com a relação com a globalização. Então essa experiência americana e essa experiência da passagem da Inglaterra foram me dando essa dimensão e hoje eu estou trabalhando com um projeto de pesquisa que é a formação de um sistema internacional de ensino superior. Porque não dá mais para analisar o ensino só em uma [inaudível], naquilo que o Becker chama de um nacionalismo metodológico. Então você tem que... A questão dos *rankings*, por exemplo. A questão do *rankings* mexe com tudo.

C.C – Bom na Europa o Acordo de Bolonha começou a mexer em todos os países, mesmo a França, que era muito refratária.

C.M. – Exatamente! E, agora, na França passei dois meses, já trabalhando no meu projeto de pesquisa e perguntando, fazendo várias entrevistas e tal, perguntando para as pessoas qual foi o efeito do *ranking* de Shangai. Aí eles começam: “O *ranking* é defeituoso”. Eu já sei que é tudo isso, mas eu quero saber o efeito. E está tendo um enorme efeito, porque eles começaram... Aí teve uma entrevista que eu achei muito interessante, uma professora diz assim: “Olha, a gente achava a *École Polytechnique* era excelente, a gente achava que era a melhor escola do mundo. E depois nós vimos que a *École Polytechnique* estava lá... Nem sei em que lugar. Como é que faz isso com a *École Polytechnique*? Por que ela não era boa?”. Aí eles começaram agora... Estão agora fazendo reformas, mexendo no ensino superior francês para tentar ser mais competitivo no plano internacional e tal. Então, isso mexeu muito. Então, eu estou mexendo com essa questão de... Também estou com um projeto bem ambicioso de quatro anos, pegando, um pouco, alguns países da Europa – França, Alemanha, basicamente esses dois – e pegando alguns países, principalmente China, Índia e Cingapura. E como é que essa discussão está chegando aqui no Brasil, na Argentina e no Chile, que eu acho que são mais refratárias dessas questões e tal. Uma coisa que estou vendo, é que essas mudanças todas, elas passam muito pela cultura nacional. A França, que foi mais pioneira no ensino mundial, tem uma cultura muito própria, a absorção dessas mudanças é muito mais lenta. A mesma coisa, também, na Alemanha. E a absorção dessas mudanças é muito mais rápida em Cingapura, por exemplo, que estão ávidos por essa mudança e vários países da Ásia também. E na América Latina é muito marcado uma cultura da universidade formando uma consciência nacional e tal. Então, as preocupações são outras, a agenda de pesquisa é outra, não estão nesse sistema de formar

universidade de padrão mundial, é muito mais para resolver a questão da democratização do ensino, do acesso. Mas foi essa passagem por esses três países, França, Estados Unidos e Inglaterra, que me permitiu... Às vezes, eu fico pensando que essas passagens pelo exterior são mais ou menos como efeito da psicanálise, elas vêm muito tempo depois na sua vida. Você digere isso muito tempo depois. Eu não sou muito ávido para digerir as coisas, gosto que as coisas tomem conta da minha cabeça lentamente. E hoje eu estou vendo que essas passagens foram importantes para mim. Estou começando a escrever essas coisas, estou seriamente empenhado nessa pesquisa, estou envolvendo alunos, também, para trabalhar comigo. Aí fiz meu concurso para titular aqui na universidade, passei. Às vezes, eu me sinto com muita energia ainda. Gozado, se aproximando, um pouco, o tempo da aposentadoria, mas assim, uma certa traição do tempo, porque eu vejo que o tempo físico é muito diferente do tempo... É coisa meio proustiana. Eu me sinto ainda muito cheio de energia para fazer muitas coisas.

C.C. – E também chega um momento em que se começa a reelaborar muito a experiência vivida.

C.M. – Exatamente...

C.C. – Agora, uma pergunta mais geral: você tem lidado com temas de educação superior há mais de 40 anos, desde o mestrado. Olhando à distância como é que você veria, o que é que mudou na tua cabeça, na tua visão sobre o ensino superior, e como é que mudou o campo de estudos sobre isso ao longo dos 40 anos. Se você fosse, claro, generalizar em poucos minutos essas duas dimensões. O que era estudar Sociologia da Educação e ensino superior, especificamente, ao longo desse tempo e como é que mudou esse campo? E você, sua percepção, sua visão disso?

C.M. – Eu acho que... – essa pergunta vem para mim quase todo dia [risos] – eu acho que até os anos 60, 70, você estava estudando, um pouco, pelas próprias contingências históricas, a formação dos sistemas nacionais. O sistema nacional “a França”, o sistema nacional “o Brasil”, enfim, como é que eles estavam se constituindo. Tanto assim, que você pega a produção de estudos de ensino superior, eles são extremamente nacionais. Quer dizer, é o ensino superior na França, o ensino superior na Alemanha, no Brasil. Eu acho que a partir de 90, por aí, quase

no final de 90, houve uma mudança muito grande. Acho que mais em 90, a globalização foi se tornando mais clara. Principalmente no aspecto econômico, essa coisa do mercado, essa coisa do capitalismo financeiro. No plano político, também, foi ficando mais claro essa coisa de tantas organizações supranacionais que interferem... Não pe que interferem, que dialogam com os países. Eu acho que a gente começou a mudar a pauta do ensino superior mais recentemente. Acho que essa questão da globalização, ela está entrando tardiamente na questão da pauta do ensino superior. Eu diria o seguinte: que a grande novidade, eu acho que foi essa questão da interconexão dos países, das culturas, que não estava tão evidente anteriormente e agora ficou muito evidente. Só para dizer uma coisa pra você, o seguinte: por exemplo, intercâmbio mundial. Sempre houve intercâmbio desde o início das universidades. Você que as pessoas andavam de um canto para o outro, tinha intercâmbio e tal. Mas você vê, por exemplo, o Brasil sempre teve intercâmbio com a França e vários países, mas o que mudou? Mudou a enorme intensidade da mobilidade dos estudantes. Hoje, no mundo, você tem quase cinco milhões de estudantes estudando em várias partes do mundo. Como é que isso aconteceu? Aconteceu todo em função de profundas mudanças econômicas, culturais, da mídia, que estão levando essas pessoas a procurar outros cantos para estudar no mundo. Eu atribuo isso não à globalização como uma *intelecta*, mas à globalização afetando, um pouco, essa questão da configuração do ensino superior. Eu acho que o que foi feito anteriormente foi muito importante, mas hoje a pauta não pode ser mais pensar a questão do ensino superior apenas pelo país. Eu acho que nós temos que levar em consideração essas interconexões muito fortes. Só para te dar um dado, por exemplo, o ensino superior brasileiro, hoje, privado, mudou completamente, porque hoje ele está altamente conectado com esses grandes grupos empresariais. Então você não pode mais estudar uma coisa só pelo Brasil, você tem que estar... Não se trata daquela coisa dos anos 60 de explicar tudo pelo imperialismo. Não se trata de substituir o imperialismo pela globalização. No plano da teoria sociológica, hoje, acho que uma coisa importante foi o Becker criticando essa coisa do nacionalismo metodológico. Essa crítica dele é muito importante, porque hoje você tem que, cada vez mais, fazer, não mecanicamente, mas com muito cuidado, essas relações entre o local, o nacional e o global. Eu acho que essa é que foi a grande mudança e eu fui me ater a isso recentemente. Não que... Eu escrevi muito sobre a iniciativa privada, sobre o ensino, e agora eu estou tentando ver mais essas conexões globais, essas grandes mudanças que estão ocorrendo. Só para você ter uma ideia, por exemplo, hoje você tem quase 200 *campi* de universidades estrangeiras implantados em outros países. As fronteiras ficaram mais

porosas: tem ensino superior que sai de um canto e vai para outro, seja à distância, seja instalando em *campus*, seja em parceria. Então, está havendo uma enorme reconfiguração do ensino superior. Acho que é um enorme desafio entender essa coisa que está passando.

C.C. – Você falou da discussão sobre o imperialismo nos anos 60 e 70 que era muito forte, agora a globalização. Mas tem também uma crítica que diz que, na verdade, esse movimento, *global universities*, esse tipo de coisa, é um imperialismo linguístico anglófono, não é? A grande maioria disso ensina em inglês em qualquer lugar. E que acabou sendo o idioma... Quer dizer, quando fala em globalização tem que ter aula em inglês, tem que ter professores que falam inglês, tem alunos que vão assistir aulas em inglês independente do país. Você vê isso ou não?

C.M. – Eu vejo isso como um fenômeno. Agora, se você me perguntar se eu acho bom ou ruim é outra questão. [riso]

C.C. – Não, não, Veja, esse fenômeno, é claro...

C.M. – Por exemplo, você vê a França, que sempre foi super zelosa pela língua francesa, se ela se pôr hoje como um instituto importante na formação das elites e tal, 30% das aulas são em inglês. Por quê? Porque está recrutando chineses... O número de estudantes chineses da França tem aumentado enormemente. Então tem muita aula em inglês.

C.C. – Sim, 40 anos atrás seria um sacrilégio uma conferência...

C.M. – Sacrilégio, então. Isso, eu acho, assim: quando eu vejo... Primeiro, assim, me chama muita atenção na França quando vejo um garçom falando inglês. Quando você pergunta uma... Às vezes, eu faço uma pequena sacanagem que eu chego no restaurante e pergunto: “Tem o menu?”. Pergunto em inglês e tal, os caras respondem. Isso, há 20 anos atrás, o cara responderia: “Não estou entendendo o que você está falando”. O cara não te respondia.

C.C. – Já me aconteceu de eu perguntar em francês, ele vê que você não é francês, e ele te responder em inglês.

C.M. – Pois é, está chegando a esse ponto. Então, eu acho que é uma prova inequívoca que a globalização está chegando, não é?

C.C. – Os jovens principalmente, não é?

C.M. – É. E depois você vê a China, por exemplo, a China... Porque aí tem uma mudança muito grande no recrutamento de estudante, não é? Países que exportavam estudantes, hoje querem importar estudantes. Então, como a China importa estudante? É colocando língua inglesa. Alemanha? Muitos cursos em inglês, também. Então você vê que na verdade são fenômenos que se impõem, não é? Eu acho que está se impondo isso e tal. Agora, isso pode levar à descaracterização de... Aí é uma outra análise dos efeitos disso nas culturais nacionais, tal. Mas eu acho que há um movimento muito grande de se criar uma língua hoje, o inglês como uma língua... Corporativista foi em épocas anteriores, não é?

C.C. – Língua geral, não é?

C.M. – Língua geral. Mas eu acho, viu Celso, que a pauta hoje é muito interessante. Eu acho que é uma campo muito interessante. Essas universidades globais recrutam... E outra coisa também... Tem uma coisa que é interessante, que esse modelo de universidade global – que é um modelo americano, não é? – universidades de pesquisas e tal, foram implantadas nos Estados Unidos, mas curiosamente a origem é alemã. Vários americanos que foram estudar no final do século XIX, XXna Alemanha e implantaram esse modelo.

C.C. – Quando voltaram para a suas universidades.

C.M. – E essas universidades americanas, hoje, têm várias... Do ponto de vista da Sociologia do Conhecimento, estou muito interessando em começar a discutir alguns conceitos, por exemplo, hoje tem o conceito de Universidade de Padrão Mundial. Então, quem está criando esse conceito? Quem são os atores que estão criando esse conceito? Como esses conceitos são divulgados no mundo? Como é que eles são recebidos? Acho que na Ásia, esses conceitos são totalmente recebidos. Na França você já tem uma filtragem disso, na Alemanha também. Mas

you are experiencing a landslide, a storm in world higher education. I think that Brazil is still... As we still do not solve a mountain of problems: basic education... I feel that Brazil expands, expands, expands, but mysteriously incorporates few people – today 20% of students are at the university level, [inaudible] higher education – still our agenda is democratization. But one thing that various countries are doing, and I think this is a complicated thing in Brazil, is to differentiate universities. To put it another way, Germany is doing this. I spent two months last year in Germany for my research. The German model is very similar to ours, where the state has a very strong centralism and the distribution of resources is very egalitarian. In Germany today, some universities are being chosen to receive more money, because these universities have a greater capacity to compete internationally. I think that in Brazil we have a zoomorphism in the treatment of federal universities. All federal universities are treated in the same way and so on. So, I think that in the near future we will have to rethink our system also in light of these global changes that are happening, don't we?

C.C. – Difficult to hire foreigners...

C.M. – The competition is in the national language, you cannot hire... For example, the hiring of rectors in these Asian countries is through an open call and is where you recruit from anywhere in the world. In Brazil, rectors are not managers, is that right? So I think that Brazil is still... There are many legal things, I would say, because there is a resistance in Brazil to this managerial culture. That this new university that is emerging is quite managerial, it is productive. In China, for example, if a person does not write two articles a year in important journals, he is fired. It ended with the figure of the *full professor*, is that right? So, no one has more job stability. So, there is a very strong perversion of this thing, is that right? Modernity, post-modernity is a thing that has its positive points, but it also has its negative points, is that right? So, this thing that we have in Brazil, stability, I think is interesting, but it also has its negative effects, it also generates a lot of accommodation.

[FINAL DO ARQUIVO 1]

C.C. – Bom, mas só para voltar e não perder uma experiência importante sua que foi na Capes, não é? Você ficou dez anos lá, de 93 a 2004, no governo Fernando Henrique.

C.M. – Começou com o governo Itamar.

C.C. – Ainda Itamar, em 93. Mas como você foi parar na Capes e como foi a sua experiência?

C.M. – Curiosamente, a Andreia foi nomeada presidente da Capes quando o governo Itamar começou em 92, não foi?

C.C. – Isso.

C.M. – Então, ela veio para cá e tal. Quando ela chegou aqui, ela me ligou. Ela foi a minha casa e jantamos. Ela falou: “Olha, vou precisar muito de você na Capes me ajudando”. Eu fiquei dois anos com a Andreia, mas mantendo, aqui, a universidade. Eu fiquei informalmente com a Andreia, ajudando as coisas. Não recebi absolutamente nada e tal. Fiquei como amigo dela mesmo, trabalhando dois anos, ajudando a mudar um pouco o sistema de avaliação, fazia alguns documentos para ela e tal. Tinha uma salinha lá que eu ficava. Quando ela foi embora, eu falei: “Bom, eu vou embora e tal”. E um dia eu estou lá na Capes justamente nessa sala, pegando minhas coisas, arrumando a minha gaveta para ir embora, chega o Abílio Baeta Neve. Aí eu falei: “Ué, Abílio, o que você está fazendo aqui?”. “Eu fui nomeado presidente da Capes e você?”. “Estou pegando as minhas coisas para ir embora”. “Pode colocar tudo na gaveta outra vez, porque você vai ficar comigo.” – porque eu já tinha conhecido o Abílio – “Não, eu quero que você fique aqui”. Aí, eu falei para ele: “Bom, mas eu estou querendo ficar na universidade”. “Não, vamos fazer o seguinte: daqui uns dias você vem cá, a gente conversa”. A Capes tinha uma bolsa de pesquisador. Eu tinha uma bolsa de CNPq e ele falou: “Eu te dou essa bolsa”, que era mais ou menos igual ao valor do CNPq, “para você ficar aqui”. “Bom, vou ter que me desvincular do CNPq”. Me desvinculei do CNPq e fiquei trabalhando com ele durante toda a gestão dele. E aprendi muito. Foi muito legal, porque na Capes eu tive o aprendizado de sair da sua área de Sociologia e começar a pensar o sistema e a sua complexidade com as outras áreas e tudo. Então foi muito legal, a gente mexeu no sistema de avaliação. O Abílio é uma pessoa muito dinâmica e ele foi uma pessoa que inovou muito a

Capes em termos de avaliação, em termos de novos formatos de mestrado, mestrado profissional. Então foi um período que eu trabalhava muito na Capes com ele, fazia os documentos com ele, discutia coisas com ele, mas nunca com nível decisório. Nível decisório era...

C.C. – Você era assessor da Presidência?

C.M. – É. Eu me lembro muito daquela coisa com o Merton. O Merton tem uma discussão sobre os intelectuais na burocracia pública. Foi isso, eu estava lá, estava estudando. E foi muito engraçado porque o período que eu passei na Capes foi um período que eu produzi muito, escrevi muitos artigos sobre pós-graduação, sobre história da pós-graduação. Eu juntei uma coisa com a outra. Eu tinha muitos dados na minha mão, então eu converti isso também em publicações, foi um período muito rico. Agora, vou dizer uma coisa para você: eu jamais repetiria essa experiência.

C.C. – Por que?

C.M. – Porque ela te tira muito em termos da pesquisa. Te envolve muito, o ambiente ministerial é um ambiente muito pesado. Quando eu saí da Capes, porque eu peguei um pouco ainda a gestão.... Quando o Abílio saiu teve a gestão do... Entre o Lula, o... Quem foi o presidente foi o Jamil Cury, que era um amigo meu que me pediu para ficar lá. Depois o Jamil Cury saiu e entrou outra pessoa, que era o Marcel Bursztyn, que também era muito amigo, professor aqui da UnB e me pediu para ficar lá. E aí quando o Jorge entrou, o professor Jorge, eu estava muito cansado, eu peguei e falei: “Não, agora vou parar”. Aí fui para os Estados Unidos. Mas hoje eu sou – dizer uma coisa para você – sou extremamente feliz de ser um professor com dedicação exclusiva, com liberdade de pensar o que eu penso, sem ser obrigado a fazer auto-censura. Eu encontrei, aqui na universidade, o meu espaço de vida, de pensar as coisas. Tenho uma enorme felicidade de trabalhar na universidade, sabe? De estar com o aluno, de dedicar o meu tempo a isso. Hoje, se me chamassem para qualquer coisa de administração pública, eu diria: “Muito obrigado, mas eu não quero mais. Eu quero é ficar por aqui, eu quero terminar minha vida por aqui.” Dando aula. Eu tenho um prazer enorme de preparar aula, de atender aluno, de conversar com aluno, a minha vida é isso. Tem pessoas que gostam de fazer isso e tal. E, curiosamente, te dá uma sensação de falso poder, é muito engraçado. Quando eu

estava na Capes o telefone da minha casa nunca parava de tocar. As pessoas me ligavam, me tratavam muito bem. No dia que eu saí da Capes, três dias depois, meu telefone ficou mudo. Eu pensei: “Será que tem algum problema com o meu telefone?”, que não tocava... [risos] Você passava na rua, às pessoas que te tratavam bem, só te davam bom dia. Então é uma falsa ideia de poder, e que poderzinho pequeno, não é?

C.C. – Mas tem muita disputa também. A gente acompanha às vezes, no caso das Ciências Humanas e Sociais, uma certa hegemonia política das Biomédicas, querendo implantar um tipo de padrão de avaliação, de critérios éticos de pesquisa; não tem isso também?

C.M. – Total. Nós estamos agora envolvidos nessa discussão da ética...

C.C. – Eu estava há pouco tempo conversando com o Luiz Fernando Duarte, lá do Museu, ele está assutado. Perdeu, aparentemente, o primeiro...

C.M. – Eu estou com ele nessa comissão. Estou indo amanhã para São Paulo para uma reunião na SBPC para discutir essa questão, que é um poder muito grande das Biomédicas para regular a questão da ética de pesquisa.

C.C. – O antropólogo... Eu fiz o Museu lá com o Gilberto, o mestrado, ainda bem que eu fiz pesquisa de campo naquela época, porque se fosse fazer hoje, talvez eu tivesse que fazer... Se fosse seguir o protocolo das Ciências da Saúde, você não faz pesquisa, não faz entrevista, não faz nada.

C.M. – Isso vai inviabilizar completamente, porque mesmo para menino fazer uma pesquisa de iniciação científica ele tem que mandar um protocolo, não sei o que... Então, é uma coisa horrorosa. Se você vai mexer com ser humano então, vai fazer uma entrevista, é tão...

C.C. – Observação participante, qualquer coisa.

C.M. – Noosa, está tudo... Você tem que fazer protocolo, você tem que fazer... E outra coisa é o seguinte: eu fico muito preocupado é com pessoal que tem fazer um mestrado em dois anos. Até a autorização chegar...

C.C. – Não é só a questão burocrática de ter que fazer essas coisas, é que depois você não sabe o efeito que pode ter, em termos até de você ser criticado ou condenado por alguma coisa que

você fez ou deixou de fazer durante a sua pesquisa. Então, tem um futuro que você não controla, também. O uso que vai ser feito disso.

C.M. – Eu acho que é uma burocratização muito desnecessária. O Weber era um grande profeta, porque ele mostrou que essa questão da burocracia não era só o aparato burocrático, era a invasão desse aparato burocrático em todas as esferas da vida. Não era só na economia, era na cultura, na universidade. O que tem de regra na universidade hoje, o que tem de norma na universidade é uma coisa absurda. Aqui e em todo sistema universitário. E podia ser gerenciado com poucas coisas, mais com o compromisso do saber. Acho que o saber vai ficando com a única coisa importante. As regras se tornam mais importantes que a produção do saber. Na verdade, os meios estão se tornando mais importante que os fins. Uma perversão eu acho muito grande. E o poder das Biomédicas, realmente. Nós ficamos dois anos tentando fazer uma resolução paralela com relação à questão da ética, mas fomos derrotados. Eles querem que se aplique a resolução 466, acho que é isso mesmo, alguma coisa assim, à pesquisa.

C.C – Tomara que consigam reverter.

C.M. – A luta agora é criar um comitê de Ciências Humanas no CNPq.

C.C. – Foi criado já, não?

C.M. – Foi criado, mas não foi implementado. Há uma promessa de criação e aí o que nós estamos querendo, nós estamos lutando é para que se crie, se implante e a questão da ética seja discutida no ministério de Ciência e Tecnologia, no CNPq, em uma área mais específica nossa. Para não estar sendo regulamentado por coisas que são estranhas a você. Bom, mas alguma coisa?

C.C – Não, eu queria também, nós á estamos chegando no fim, mas você falou da tua experiência de morar nos Estado Unidos, Inglaterra e França. Mas você teve também uma passagem em Portugal.

C.M. – Tive, mas pequena. Foi em função de um acordo Capes/FCT, que me permitiu ir já umas três vezes, mas com estadia de um mês, um mês e pouco. E eu fiquei muito no ICS, que eu acho um Centro... Você conhece não é?

C.C. – Conheço, conheço sim.

C.M. – Com o [José Machado] Pais. Muito legal, achei muito legal, as instalações muito... Eu acho que ali tem um pessoal de excelente qualidade. Fiquei lá dois anos, uns três meses mais ou menos alternados, mas foi uma experiência muito legal. E eu acho a Sociologia Portuguesa de excelente qualidade. Eu acho que foi uma coisa surpreendente, porque é uma sociologia pós-salazar.

C.C. – É, é mais tardia em relação à brasileira.

C.M. – Mais tardia, mas de uma excelente qualidade. Eu até tenho um livro...

C.C. – Que até pouco tempo nós conhecíamos no Brasil muito pouco ou nada, embora lá eles conhecessem, inclusive, por usarem livros e textos. Eu tive essa experiência muito através do Gilberto, que fez muito a ponte com Portugal na área de Antropologia Urbana, Sociologia Urbana, e tinha isso, eles conheciam muitos trabalhos de sociólogos brasileiros, até porque era o que tinha depois da queda do regime, da revolução. Mas aqui não se conhecia nada de Portugal, o que já se fazia pós 25 de abril.

C.M. – E eles tem uma produção enorme e de excelente qualidade.

C.C. – E a geração que criou esse ensino moderno, de pesquisa, está começando a se aposentar agora, ainda está na ativa. Estão, já, começando a se aposentar alguns, mas ainda estão produtivos.

C.M. – Mas a geração seguinte é de *boa* qualidade.

C.C. – É de muito boa qualidade.

C.M. - Se você pegar, por exemplo, o Pais, é excelente, mas ele formou gente muito boa também. Inclusive nesse convênio que a gente fez, nesse acordo de dois anos, que foi renovado mais uma vez, teve um participante que foi formado pelo Machado Pais. Um menino, o Vítor, de excelente qualidade, uma cabeça excelente, uma formação de primeira qualidade, sabe?

C.C. – Ele é muito bom, fizemos uma entrevista muito...

C.M. – O Vítor?

C.C. – Não, não, o Machado Pais. Muito boa.

C.M. – Um *gentleman*, hein?

C.C. – Um *gentleman*. Muito bem humorado também. E ele tem um trabalho de sociologia cotidiana muito bom.

C.M. – Que é fantástica, não é? E ele formou um menino, formou várias pessoas, mas essa pessoa que trabalhou com a gente, o Vítor... Esqueci o segundo nome dele, que trabalha com o corpo, com questão de tatuagens, fez uma pesquisa belíssima sobre tatuagens, e sofisticadíssimo teoricamente. Porque o Pais é isso, muito culto também. Além de ser uma pessoa muito agradável de convívio.

C.C. – Eles estão sofrendo agora com a crise econômica, isso é muito impactante.

C.M. – O caso desse menino, ele não tem... Ele vive renovando as bolsas.

C.C. – Só tem bolsas, são os bolseiros.

C.M. – Os bolseiros eternos.

C.C. – Seis anos...

C.M. – Essa pessoa que coordenou o projeto comigo, a Maria Manuel Vieira, também de excelente qualidade, uma pesquisadora de mão cheia, está renovando de tempos em tempos a bolsa dela. Porque ela não tem um posto fixo. Então isso é muito ruim.

C.C. – Eles reduziram o salário também, cortaram verba para pesquisa. A situação ainda está muito difícil.

C.M. – Eu acho que a situação nossa, no Brasil, em termos de carreira acadêmica, é excepcional, sabe? Eu acho que a gente... E a pós-graduação foi muito importante. Acho que a pós-graduação teve um aspecto revolucionário no Brasil, de colocar a pesquisa dentro da universidade. E também, engraçado, porque isso é uma coisa meio complicada, esse sistema, essa modernização do ensino superior começou com os militares. Que teve uma política repressiva e modernizadora. Reprimiu a UNE, acabou com a UNE, prendeu gente, torturou gente, mas a carreira universitária começa com os militares.

C.C. – Finep, Capes, são [INAUDÍVEL] disso. O próprio CNPq foi todo reformado.

C.M. – Exatamente. SE você pegar a construção dos *campi* no Brasil, que hoje já estão meio envelhecidos, mas foi construção dos militares. Eu acho que... E essa política depois na fase da redemocratização teve uma sequência também. Eu acho que na época do Fernando Henrique, curiosamente, as universidades foram maltratadas, mas a pós-graduação foi muito bem tratada. E agora eu acho que houve um apoio muito grande para o universidade através do Reuni, mas com alguns problemas também, porque...

C.C. – Houve uma expansão muito grande com a criação de universidades, principalmente no governo Lula.

C.M. – Uma expansão às vezes meio mal planejada, eu acho. E, o seguinte, o que eu acho, que nós precisamos repensar o modelo das federais hoje. Não é justamente privatizar, é repensar a estrutura das federais, carreira... Precisamos repensar. Você vê hoje que está tentando mudança para concurso de titular. Concurso de titular, hoje, é pensado como promoção funcional. Há um esvaziamento, sabe? Uma coisa assim... Tem coisas muito complicadas passando diante de nossos olhos e que a gente tem que rever com mais seriedade. Hoje, você tem universidades criadas no sistema federal em que as condições físicas são muito inadequadas também. Então eu acho que nós temos que repensar um pouco a expansão e o papel que as federais tem nesse sistema. Eu acho que tem muita pouca discussão sobre o poder das federais. Uma pessoa que, por exemplo, é polêmica, mas que eu acho interessante, o Simon [Schwartzman], ele tem discutido muito isso. Eu acho que, às vezes, ele é muito mal compreendido, mas eu acho que as questões que ele coloca são questões importantes para repensar o ensino brasileiro.

C.C. - O que se diz muitas vezes é que a questão do corporativismo. É tão difícil mudar *qualquer* coisa, que não se vê muito uma luz no fim do túnel. Mas vai reformar uma estrutura de carreira ou como é que vai mudar regras de acesso ou de mérito, avaliação, seja lá o que for que tenha um peso corporativista tão forte, os trabalhadores, os servidores das universidades e alunos também, que inviabiliza qualquer mudança grande. Eu não sei se você vê isso ou se você é mais otimista de poder ter uma mudança mais significativa.

C.M. – Eu acho que, às vezes, os sindicatos, tipo Andes, que tem uma força muito forte nisso aí, às vezes as reivindicações deles não são as melhores possíveis, são exatamente as de corporação. E quando se tem qualquer: “Vamos discutir a carreira universitária?”. Eu sempre fico preocupado se não vai vir coisa pior por parte da Andes. Eu nunca vi pensar... Quando

falam: “Vamos repensar. Vamos mudar a carreira acadêmica”. Eu fico: “Meu Deus, o que é que vai vir agora”. Porque essa ideia de concurso para titular como promoção funcional, sabe? Eu vi umas pessoas aí dizendo: “Eu vou prestar concurso para titular”. Eu não falo nada, porque eu procuro ser uma pessoa educada com as pessoas, mas eu digo o seguinte: “O que é que esse cara já fez na vida que vai ser titular?”. Então nós vamos ter, de agora para frente, ter uma avalanche de titulares de qualidade duvidosa. Porque eu acho que professor titular, você pega a Inglaterra, pega os Estados Unidos, são pessoas que tem liderança científica. Acho acho que tem uma coisa, um pleito igualitarista na universidade muito grande. Se você quer saber, por exemplo, eu acho as eleições de reitor no Brasil um escândalo. Eu acho isso um escândalo, porque... Eu vejo isso aqui na época de eleição para reitor, isso parece uma cidade do interior nos seus piores momentos de eleição para vereador: aqueles carros de som; panfletagem na universidade toda; umas discussões acusatórias. E aí, o que está acontecendo? O antigo reitor dessa universidade foi eleito em maior parte pelos estudantes e pelos funcionários. Então ele fica totalmente caudatário pelas reivindicações dos estudantes e pelas reivindicações dos funcionários. Quando ele entra, já entra com compromissos. Poxa, um reitor não tem que fazer isso, acho que ele tem que é ter total liberdade para gerenciar a universidade. Então essa coisa americana de recrutar pessoas de outros cantos para assumir uma universidade, eu acho muito interessante. Tem que ter um mandato e ter um conselho que o assessore e que o avalie, mas isso é mais um gestor, ter o seu quadro acadêmico também. Eu acho que nós passamos de um autoritarismo violento para uma coisa democrática muito desregulada. Eu acho que a universidade está perdendo um pouco a noção de hierarquia. Acho que tem uma confusão enorme de pensar a universidade como uma micro-sociedade civil, não é isso. Essa questão de todos são iguais... Eu acho que ela está perdendo... A universidade está perdendo um pouco... - a minha visão é um pouco pessimista da universidade – eu acho que ela está perdendo um pouco as suas regras morais. Ela tem muitas regras burocráticas e poucas regras morais. Eu acho que nós devíamos inverter um pouco, ter mais regras morais. Eu estava, esses dias, dando uma aula sobre Durkheim e ele termina o texto dizendo da autoridade moral do professor. Eu acho isso uma coisa fantástica, a gente está perdendo isso. E entra um professor aqui, no primeiro ano já tem direitos iguais a um cara que está aqui a 30 anos. Vai dizer: “Ah, sua visão é conservadora”, como diria o Bourdieu: “É porque você hoje assumiu uma posição dominante”. Pode ser que sim. Talvez no começo da carreira eu não falaria isso. Mas hoje eu vejo a restauração da... Para usar um termo do Durkheim, existe uma certa anomia interna na

universidade. E que é difícil regular isso, e que precisa de pessoas corajosas para fazer isso, que vá tocar interesses muito colocados já. De estudantes, professores e funcionários. Você vê a universidade inglesa, não tem tanta regra burocrática, tem uma cultura democrática, acadêmica fortíssima. Nós não estamos conseguindo gerenciar, produzir essa cultura acadêmica.

C.C. – Muito bem. Bom, está ótimo. Ah, tem mais uma pergunta que a gente sempre faz para os entrevistados desde o início, pedindo assim: se você tivesse que destacar um livro, uma obra que fosse dessas mais importantes quando você pensa alguma coisa que você leu na sua trajetória, que foi marcante e decisiva, o que é que te vem a mente?

C.M. – Eu vou ser muito óbvio, é: *La Noblesse d'État*, do Bourdieu, que eu acho um livro fantástico. Ao mesmo tempo, também... Não, esse livro me marcou muito. Esse livro me marcou muito. Eu acho que muito do que eu penso vem....

C.C. – É a questão sobre o ensino superior.

C.M. – Mas é sobre os intelectuais. É uma sociologia do conhecimento também. Aquele livro dele é bonito porque, mostrando como pensar o ensino é pensar estruturas de poder. Então isso é uma coisa que eu acho isso muito interessante, me marcou muito. Tanto assim que eu tenho uma foto dele aqui.

C.C. – E a do Wright Mills ali também.

C.M. – Que é outro cara que eu gosto muito. [risos] Só te falar uma coisa:

C.C. – De moto ali.

C.M. – De moto. Quando eu cheguei em Columbia, a primeira palestra que eu assisti em Columbia – eu adquiri esse pôster nesse seminário, que era os cinquenta anos do *Elite de poder* – e convidou-se um sociólogo – eu esqueci o nome do cara – para falar sobre o Wright Mills. E ele falou mais ou menos uma hora e meia sobre o Foucault. Eu estava chegando ali, meu inglês ainda não era muito bom. Eu falei: “Mas será que esse cara está falando sobre Foucault ou sobre o Wright Mills?”. Ele falou uma hora e meia sobre Foucault. Eu vi que as pessoas estavam um pouco constrangidas e tal, eu perguntei para o cara que estava sentado ao meu lado: “É sobre Foucault que ele estava falando?” “É, é sobre o Foucault”. Aí, quando acabou,

aquele silêncio na sala, aí o cara perguntou para ele assim: “Mas professor, trata-se de uma homenagem ao Wright Mills, 50 anos, tal, eu queria te perguntar, o senhor falou sobre o Foucaulttal, mas qual a relação que tem com o Wright Mills?”. “Ambos estudaram o poder”. [risos] Eu falei assim: “Poxa vida, que coisa estranha”. [risos] E não falou nada sobre o Wright Mills. Ele ia de moto para dar aula, e de casaco também e tal.

C.C. – Quando lá na Zahar, eu sugeri e eles aceitaram, eles publicaram *O artesanato intelectual*, aquele apêndice, com uma tradução nova, eu revi, também.

C.M. – Saiu isso?

C.C. – Saiu. Mais alguns textos pequeninhos sobre intelectuais... Não os livros principais.

C.M. – Mas saiu com o nome de *Artesanato Intelectual*?

C.C. – *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tem uma apresentaçõzinha que eu fiz, e tem mais alguns textos pequenos, mas que falam sobre o papel do intelectual, a ideia do artesanato de onde ele tirou, e algumas coisas menos conhecidas.

C.M. – Olha, que legal. Não sabia que tinha isso não.

C.C. – E a foto da capa é essa. Aí eu conheci a filha dele, que mora no Brasil.

C.M. – A filha dele mora aqui?

C.C. – Mora, resolveu vir para cá há muitos anos e foi na editora junto comigo conhecer.

C.M. – Onde está a filha dele?

C.C. – No Rio de Janeiro. Ela trabalhava, se eu não me engano, no Ibeu, Instituto Brasil – Estados Unidos, mas eu não me lembro agora.

C.M. – Porque eu tenho as cartas dele, um livro sobre as cartas, você conhece esse livro?

C.C. – Conheço.

C.M. – Foi ela que organizou?

C.C. – Foi. E tem um filho também que é artista. Mas o filho foi só por email que a gente fez. Mas aí tem essa foto, que é ele indo para a Columbia de moto.

C.M. – Muito legal. Morreu de coração, não é? Morreu com 50...

C.C. – Com 45 anos, 46 anos. Muito...

C.M. – E a filha tem que idade hoje?

C.C. – Uns 70 e poucos anos.

C.M. – Eu não sabia que ela morava no Brasil.

[FIM DO DEPOIMENTO]